

ESTUDO DA TOPONÍMIA COMO  
EXPRESSÃO DA ORGANIZAÇÃO ESPACIAL  
NA REGIÃO DE SANTA CRUZ DO SUL/RS

*Virgínia Elisabeta Etges\**

*Milene Seer\*\**

\* Doutora em Geografia Humana e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em  
Desenvolvimento Regional – Mestrado da UNISC.

\*\* Aluna do Curso de Estudos Sociais – Geografia e bolsista Pibic/CNPq.

O processo de identificação dos espaços e todo o contexto da apropriação e delimitação de fronteiras entre os mesmos, bem como a relação de identidade que as pessoas estabelecem com os lugares, mostra-nos a importância da toponímia nos estudos geográficos. E, como instrumento da geografia, a toponímia reflete a organização do espaço social, como decorrência da relação existente entre sociedade e natureza.

A colonização alemã na região de Santa Cruz do Sul, iniciada em 1849, marcou as localidades rurais e urbanas da região com topônimos originários da língua alemã, a língua falada pelos imigrantes/colonizadores. Por ocasião da Campanha de Nacionalização do Estado Novo (1937- 1945), foi instaurada em todo o país a lei do uso exclusivo da língua nacional, proibindo inclusive aquela expressa na toponímia da região. A substituição da toponímia original (expressa em língua alemã) pela de língua portuguesa, na maioria dos casos, não conservou o significado original dos topônimos, atribuindo aos lugares nomes que não expressavam nenhuma identidade com os mesmos.

Analisar os acontecimentos da época, em especial o significado da Campanha de Nacionalização do Estado Novo, destacando as importantes transformações no que diz respeito aos topônimos nas regiões de imigração alemã e italiana, com especial destaque para a região de Santa Cruz do Sul, constituíram o nosso intento principal, quando nos propusemos a realizar esta pesquisa, ao longo dos anos de 1996 e 1997.

A escassez de registros existentes sobre a toponímia original, as dificuldades de compreender seu significado e a falta de verba específica para a realização da pesquisa foram os principais entraves enfrentados pela equipe, superados porém, pelo esforço e pela determinação no sentido de buscar elucidar aspectos importantes que influenciaram em muito não só no ordenamento territorial da região, mas principalmente na configuração de uma insipiente identidade de comunidades de origem alemã com o território habitado.

Um aspecto marcante, desde o início do trabalho, foi a

constatação de que a bibliografia sobre o tema é extremamente restrita.

Artur Cardoso de Abreu (1943), quando analisou a revisão toponímica realizada pelo governo federal no final dos anos trinta, afirmou que era imperioso realizar tal investida, dado o número exagerado de duplicatas de nomes de cidades e vilas brasileiras. Apresenta o decreto-lei nº 311 de 2 de março de 1938, que dispõe sobre a divisão territorial do Brasil, descrevendo e comentando os artigos do mesmo. Esclarece que a escolha dos novos topônimos deverá dar-se a partir de vocábulos de origem indígena e do linguajar luso-africano. Detalha com clareza como se dará essa escolha e em que casos, já que muitas são as particularidades que envolvem esse processo.

“E porque se relacionam com o indivíduo, a escolha deles (os topônimos) deve ser meditada, atentas as principais qualidades excepcionais que os tornem breves, lídimos, claros e harmoniosos, ou em suma, expressivos e eufônicos.”  
(Mendonça, 1954, p.199)

Esta é a concepção que embasou a análise de outros autores, como Valdemar Paranhos de Mendonça (1954), que também discutiu a revisão toponímica, apresentando um texto rico em listagens e comparações entre topônimos brasileiros, cuja duplicação de nomes e respectiva ortografia é analisada e revista, acompanhada de novas sugestões de expressão para os mesmos.

O texto de Mendonça contém a Resolução nº 337 de 11 de setembro de 1951, da Associação Geral do Conselho Nacional de Geografia, que sugere alterações nas normas toponímicas, e a interpretação dessa resolução, onde discorre sobre os seguintes pontos: descobrimento do Brasil; os ciclos topônicos; os acidentes geográficos; os topônimos pitorescos; as alterações toponímicas; a tradição na toponímia; o decreto-lei nº 311 de 2 de março de 1938; os gentílicos, entre outros.

Já Virgílio Corrêa Filho (1950), discorre sobre as

influências que a toponímia do Brasil sofreu nos primeiros séculos do seu descobrimento. Destacou a luta travada entre a língua portuguesa e a indígena quanto ao poder de influência nos topônimos. Objetivando suplantar a cultura indígena pela portuguesa, os colonizadores lusos realizaram, em 1798, substituições na toponímia brasileira, do tupi para o português. A língua mais falada até então era o tupi, o que fez com que, mesmo após essas substituições, a influência indígena só aumentasse, tanto pela miscigenação das duas culturas através do casamento, como pelas próprias expedições ao interior do país, nas quais o número de indígenas geralmente era superior ao de portugueses. Dessa influência indígena temos referências à flora, fauna, minerais e relevo, normalmente topônimos já utilizados há muito pelos índios.

A influência africana, segundo o autor, foi menor pela própria condição de inferioridade imposta aos africanos, acontecendo o mesmo com a influência dos imigrantes procedentes de várias partes da Europa.

Maria Hoppe Kipper (1979), em seu estudo sobre a Campanha de Nacionalização do Estado Novo, fez um levantamento dos principais aspectos dessa Campanha em Santa Cruz do Sul, procurando apontar os possíveis efeitos desta sobre a vida da população santacruzense.

“Ideada para ser processada gradativamente, a Campanha de Nacionalização pretendia iniciar estabelecendo na escola os fundamentos da nacionalidade, corrigindo o erro de governos passados que nunca haviam, através de medidas concretas, propiciado aos filhos dos imigrantes a oportunidade de aprender o português. Brevemente porém, devido ao generalizado medo que inspirava a expansão do III Reich, os bons propósitos iniciais de procura de uma harmoniosa integração dos descendentes teutos foram solapados por uma série de medidas repressivas entre as quais possivelmente a mais dolorosa foi a rigorosa proibição do

uso do idioma alemão, mesmo àqueles muitos que nunca tinham possibilidade de expressar-se em português, porque nunca tinham tido o ensejo de aprendê-lo.” (Kipper, 1979, p.17)

Podemos citar, como principais conseqüências dessa Campanha na região de Santa Cruz do Sul, a mudança no sistema escolar (as escolas até então eram essencialmente comunitárias); o término de muitos costumes e festejos tradicionais; o fim de mais de 50 anos de imprensa teuta (jornal *Kolonie*); o início do processo de perda da língua herdada, entre outras.

Mais recentemente tivemos a publicação do “Dicionário histórico e geográfico da região de Santa Cruz do Sul”, de autoria do Pastor Armino Müller, que apresenta a origem e o significado de vários topônimos da região sem, entretanto, restringir-se aos de origem alemã, e, em cuja introdução lê-se que

“É interessante observar que boa parte dos topônimos tem a sua origem ligada aos imigrantes alemães, aqui estabelecidos a partir de 1849. Surgem, então, em alguns momentos, os nomes mais extravagantes e incomuns. As denominações de origem indígena, no entanto, são muito escassas, sinal evidente de que, quando da colonização, a presença indígena já era insignificante. Muitos topônimos homenageiam pessoas – em especial políticos – costume adotado em certa época da nossa história.” (Müller, 1999, p.5)

Remetendo-nos mais especificamente ao estudo da toponímia como instrumento da geografia para a análise do espaço produzido pelo homem, temos Cláudia L. Zefferino Pires, que em sua monografia verifica que

“o estudo da toponímia revela a maneira pela qual o homem identifica e responde

ao seu meio ambiente. É a percepção que dele tem e o valor que nele coloca, muitas vezes relacionando afeto entre o homem e o lugar. A aplicação de um topônimo se dá pela forma como é percebido o espaço e a preocupação sobre o lugar onde o homem habita, com toda liberdade de movimento, segundo seus hábitos e costumes, num tempo e numa relação social específica.” (Pires, 1995, p.11).

A autora traduz várias expressões da linguagem gaúcha, utilizando o topônimo como fonte de análise daquele espaço, no que se refere à identidade e relação que o homem estabelece com o lugar, e destaca a importância dos topônimos na linguagem local.

Produzindo uma análise sobre a maneira pela qual as pessoas conhecem e sentem o espaço e o lugar, e como as mesmas experimentam e entendem o mundo, Yi-Fu Tuan diz que

“espaço e lugar são termos familiares que indicam experiências comuns... o lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro.” (Tuan, 1983, p.3)

Desenvolvendo o tema em torno da perspectiva da experiência humana, o autor a define como “...qualquer maneira pela qual uma pessoa conhece e constrói a realidade...”, analisando portanto, como se dá essa construção no âmbito das relações de sentimento e identidade que as pessoas possuem com determinados lugares, utilizando-se para tanto da literatura, poesia, antropologia, psicologia e teologia.

À luz dessa reflexão inicial, realizamos um levantamento de campo, buscando identificar a toponímia original de diversas localidades na região de Santa Cruz do Sul através de entrevistas com informantes qualificados, como antigos moradores, lideranças comunitárias, padres e pastores. Este levantamento

foi complementado com informações obtidas em mapas e registros históricos, bem como em publicações do final do século passado e do início deste, junto a diversas fontes.

Foram levantados, ao todo, quarenta e quatro topônimos em quatro municípios da região que, originalmente, pertenciam ao município de Santa Cruz do Sul: Vera Cruz, Vale do Sol, Sinimbu e Santa Cruz do Sul.

As informações obtidas estão expressas em forma de tabela, onde consta o topônimo atual e o original, acompanhado de seu respectivo significado, e em mapas, que permitem a visualização das informações no território representado.

#### Levantamento da Toponímia original da região de Santa Cruz do Sul:

##### Município de Santa Cruz do Sul

Toponímia Atual	Toponímia original	Significado
Cerro Alegre Baixo	Krebsloch	Canto do Caranguejo – lugar que quase não progredia.
Cerro Alegre Alto	Hungriger Wolf	Lobo Faminto – devido a um morador mesquinho.
Linha João Alves	Rettungspicade	Picada da Salvação – único lugar por onde havia passagem em época de inundações.
	Deutsche Picade	Picada do Alemão – lugar de colonizadores alemães.
	Holzpick	Picada da Lenha – lugar onde passava transporte de lenha.
Linha Áustria	Österreichpick	Picada Áustria – relacionado a nome de família.
Linha Santa Cruz	Alte Picade	Picada Velha – lugar onde se instalaram os primeiros imigrantes em 1849.
Rio Pardinho	Neue Picade	Picada Nova – lugar que acolheu a segunda leva de imigrantes.

Toponímia Atual	Toponímia original	Significado
Linha Andrade Neves	Schwerin	Homenagem ao ex-diretor da Colônia de Santa Cruz, o Sr. Carlos Schwerin, sendo que esse nome também indica "nascido em cidade alemã"
Monte Alverne	Riotal	Vale do Rio - vale do Arroio Castelhana.
Linha Arroio do Leite	Milchbach	Arroio do Leite – lugar onde produzia-se muito leite.
Quarta Linha Nova	Batatenberg	Cerro das Batatas – lugar onde produzia-se batatas.
Quarta Linha Nova Baixa	Jammertal	Vale das Lamentações – lugar de poucos recursos e dificuldades.
General Osório	Neupommern	Nova Pomerânia – região de origem daqueles moradores.
Arroio do Tigre	Tigerbach	Arroio do Tigre.
Linha Botão	Knopfloch	Casa de Botão – lembrando acidente geográfico.
Paredão	Hervawald	Mato da Erva – lugar onde produzia-se erva mate.
Linha Felipe Neri	Sackpicade	Picada do Saco – pela localização geográfica.
Linha Felipe Neri - Paredão	Affenpicade	Picada dos Macacos.
Linha Júlio de Castilhos	Kochenborger	Sobrenome de família homenageada.
Linha Moinho	Mühle Picade	Picada do Moinho – lugar onde havia um moinho.
Linha Marcondes	Hinter Pommern	Sobrenome de família homenageada
Entrada Vitorino		
Monteiro	Hamburg	Nome de cidade alemã.
Entrada São Martinho	Posemuckel	Relacionado à saga dos Muckers – local de pouso dos Muckers
Linha São João da Serra	Kochlöffel	Colher de Cozinha.

Toponímia Atual	Toponímia original	Significado
Linha 7 de Setembro	Fingerhut	Dedal - lugar onde a saída e a entrada davam-se pela mesma estrada.
Linha Travessa	Querpicade	Travessa – lugar que liga uma estrada à outra.

#### Município de Vera Cruz

Toponímia Atual	Toponímia Original	Significado
Entrada Ferraz	Füelber Picade Karlsruhe	Sobrenome de família homenageada. Cidade alemã com o mesmo nome.
Alto Ferraz	Wurtzwingel	Estrada aberta em forma de ângulo.
Linha Andréas	Andréas	Homenagem a Andreas Müller, imigrante alemão construtor de moinhos.
Linha Um	Kisteneck	Recanto dos Kist – sobrenome de família homenageada
Linha Ferraz	Käseeck	Recanto do Queijo.
Linha Dona Josefa	Sankt Wendel	Homenagem à localidade de origem.
Alto Ferraz	Wurzelwinkel	Estrada em forma de ângulo.

#### Município de Sinimbu

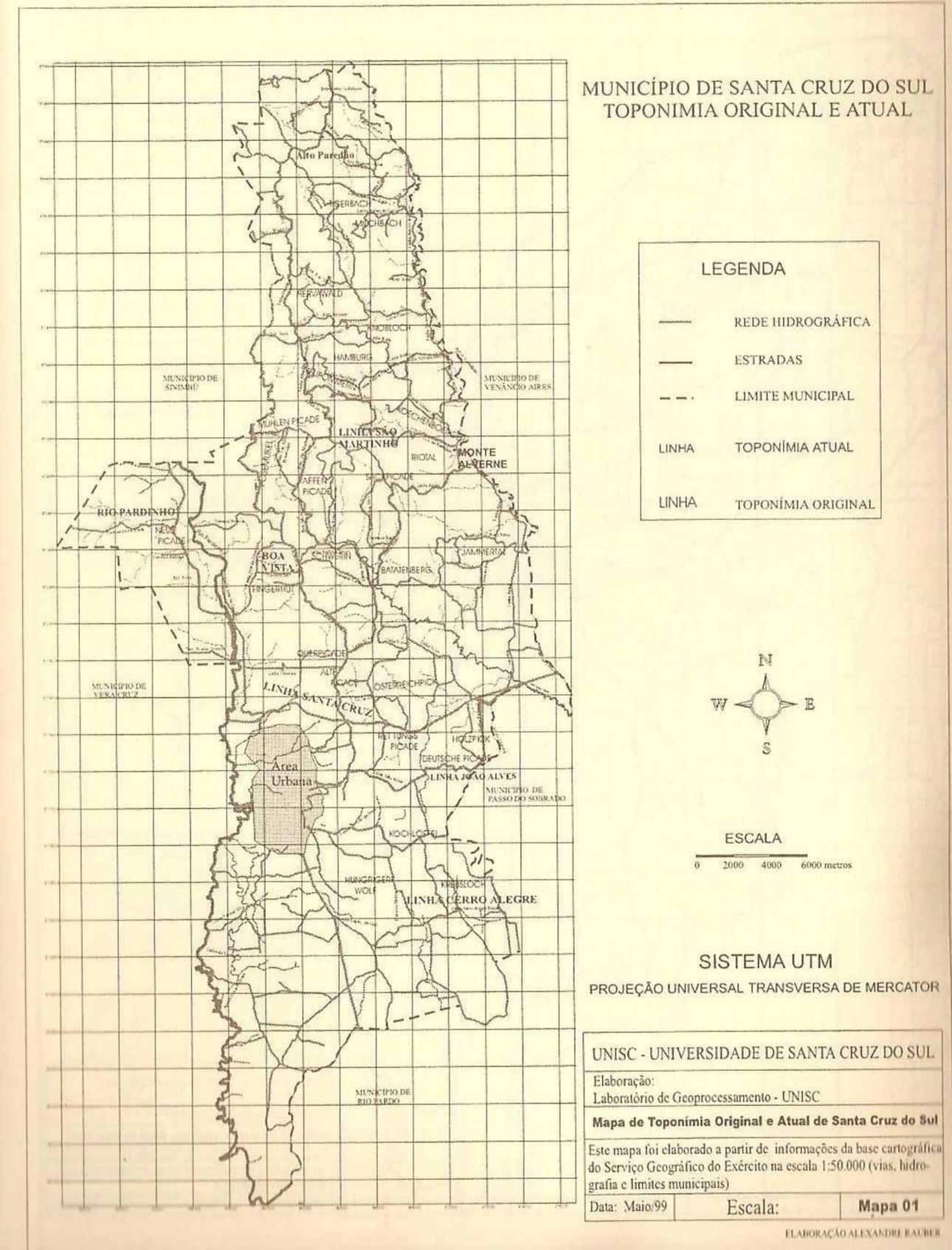
Toponímia atual	Toponímia Original	Significado
Linha Silveira Martins	Frankfurt	Cidade alemã do mesmo nome.
Linha Verão	Frühlingsthal	Vale da Primavera.
Linha Primavera	Rosenthal	Vale das Rosas.
Linha Preta	Schwarzes Eck	Recanto dos Negros – lugar onde habitavam negros.
	Schwarzes Viertel	Mato Preto – lugar de matos escuros.

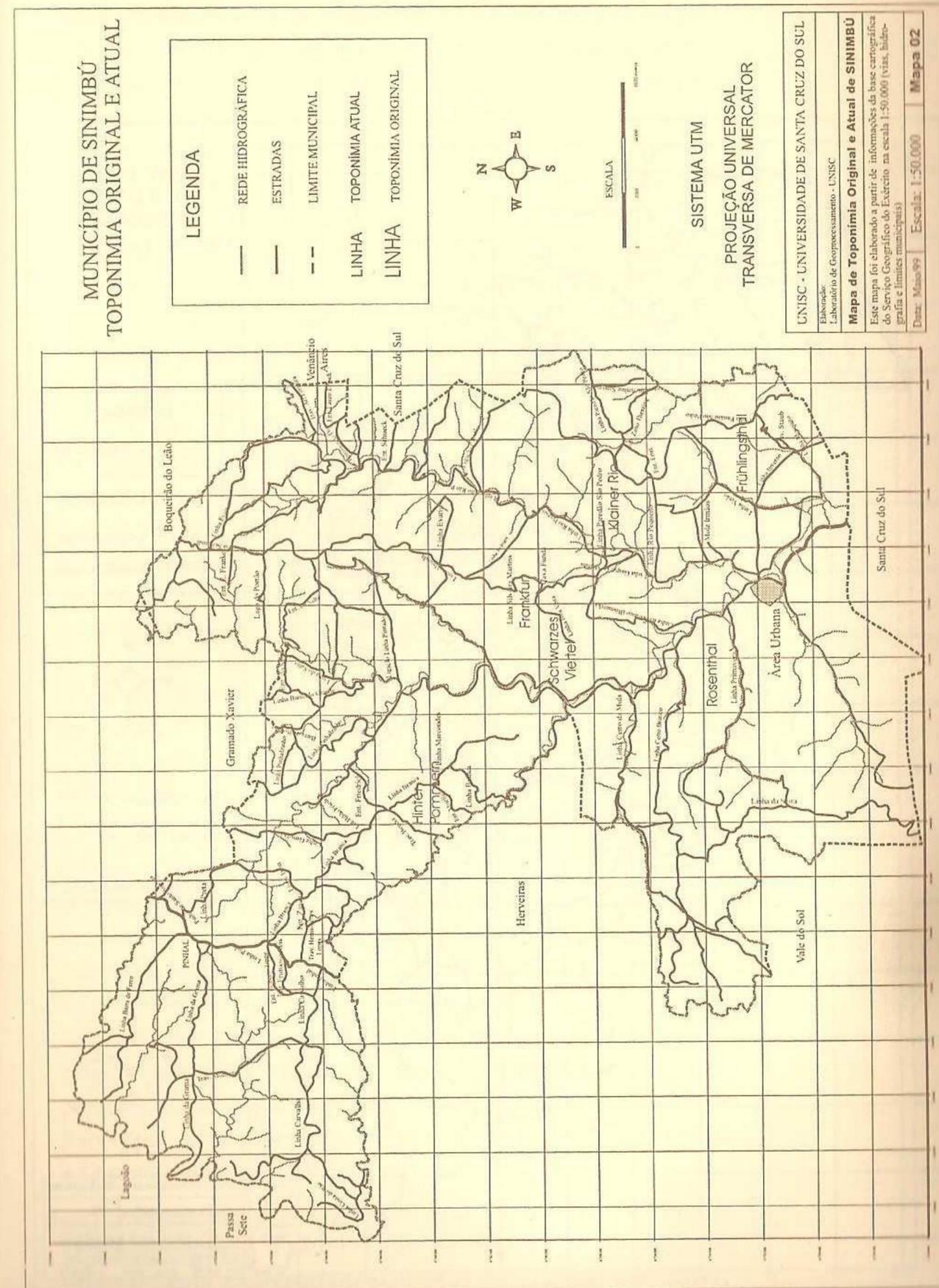
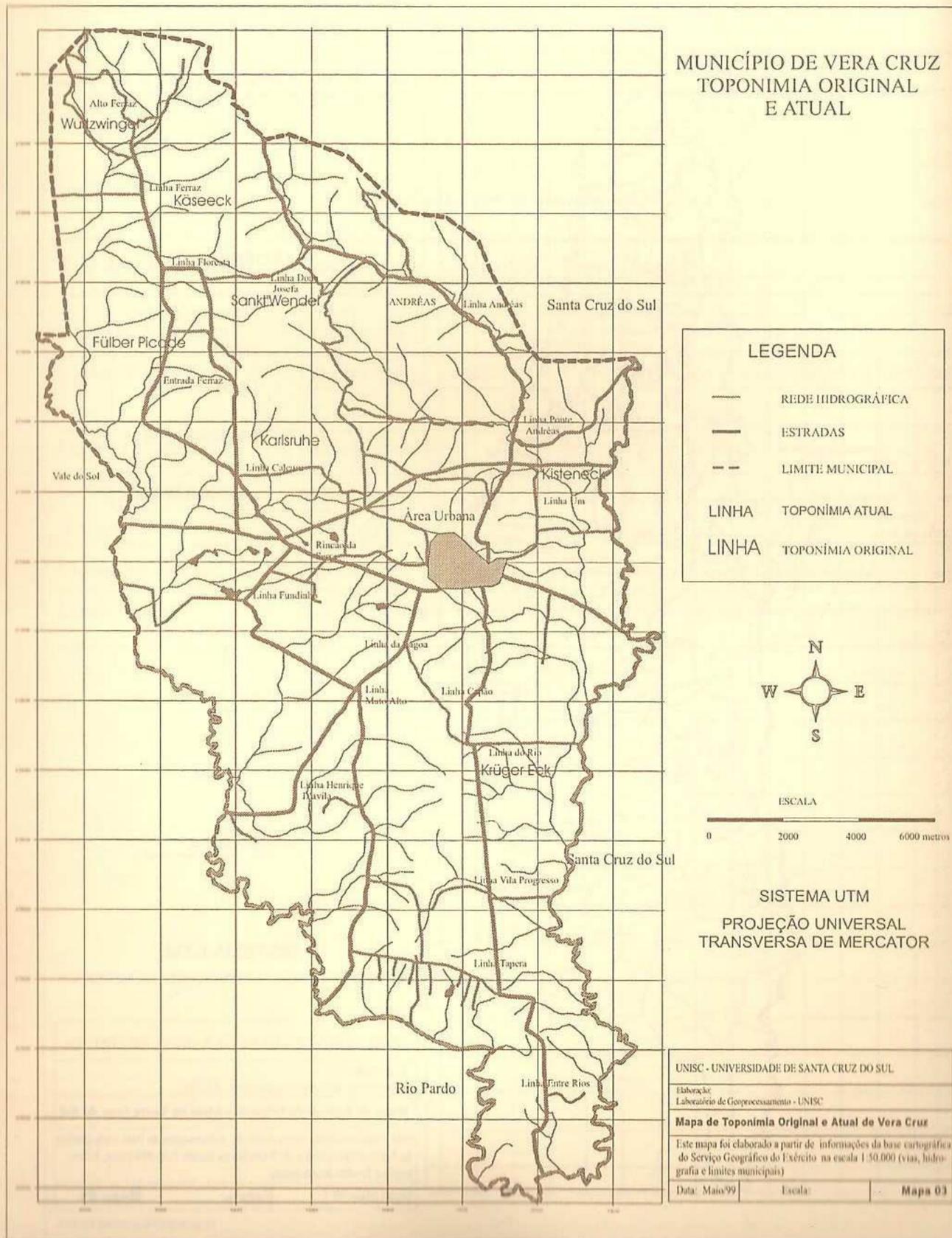
Toponímia Atual	Toponímia original	Significado
Rio Pequeno	Kleiner Rio	Rio Pequeno.
Linha 12 de Outubro	Rahm Picade	Picada da Nata – lugar onde produzia-se nata.

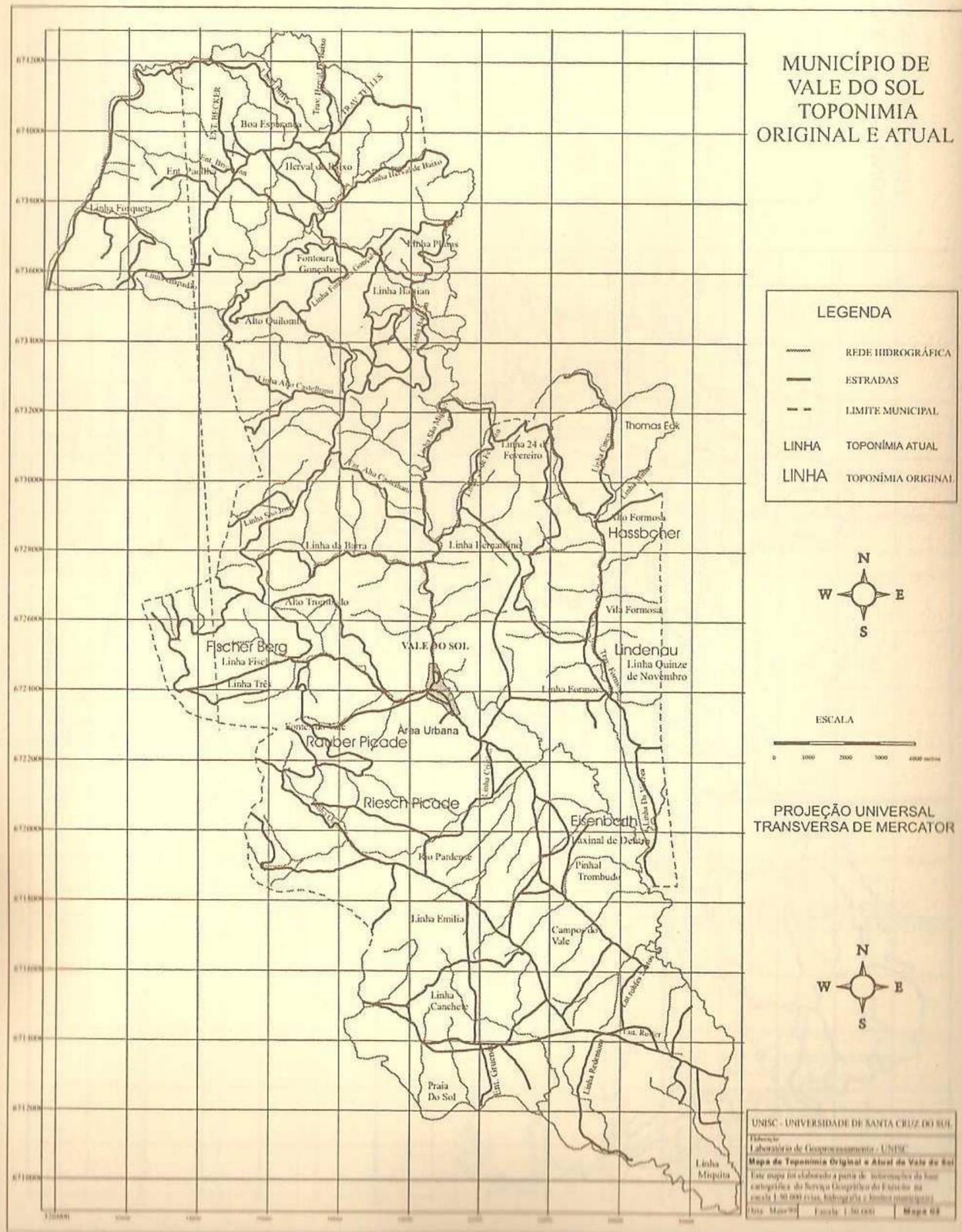
Município de Vale do Sol

Toponímia atual	Toponímia Original	Significado
Faxinal de Dentro	Eisenbarth	Sobrenome de família homenageada.
Linha Fischer	Fischerberg	Cerro do Peixe – homenagem a família do lugar.
Linha Quatro	Riesch Picade	Sobrenome de família homenageada.
Linha Quinze de Novembro	Lindenau	Prado das Tílias
Linha Formosa	Hasslocher	Homenagem a família do lugar.
Linha Três	Rauber Picade	Sobrenome de família homenageada.

MAPA DE SANTA CRUZ DO SUL







Em decorrência do crescimento do número de vilas e cidades brasileiras, nas décadas de 30 e 40, uma série de situações fizeram com que o governo federal na época decidisse rever a legislação referente aos topônimos, criando novas regras que, por um lado passaram a se ocupar com problemas como nomes iguais para lugares diferentes, grafia incorreta ou mesmo nomes muito extensos, e por outro, proibiram o uso de termos originários de outras línguas, que não a nacional (incluindo a língua tupi), para denominar lugares. A participação do Brasil na II Guerra Mundial (1939-1945) só veio incrementar a Campanha de Nacionalização do Estado Novo, quando a preocupação com topônimos originários principalmente das línguas alemã e italiana, passaram a ser literalmente “varridos do mapa”.

Como se pode observar nas tabelas e nos mapas, essas medidas afetaram drasticamente a região de Santa Cruz do Sul, onde os topônimos expressos em língua alemã foram substituídos por outros em língua portuguesa, sem preocupação com tradução fiel, uma vez que o intuito era descaracterizar a insipiente identidade que os descendentes de imigrantes alemães na época tentavam desenvolver com a região que habitavam. Essa situação foi constatada através de comparações entre os topônimos, como por exemplo, a localidade de Linha Sete de Setembro, município de Santa Cruz do Sul, antiga *Fingerhut*, cuja tradução é Dedal, referência à situação geográfica do lugar, ao qual só se tinha acesso por um único caminho.

Tratando-se de localidades muito pequenas, não foram encontrados documentos que esclarecessem as circunstâncias em que os povoados da região de Santa Cruz do Sul passaram a ter nova denominação. Em decorrência da proibição da fala e da escrita na língua alemã, os novos nomes passaram a ser usados com relutância, apesar de serem obrigatórios. Entretanto, no cotidiano dos habitantes da região, o uso de alguns nomes de origem germânica permanece até hoje, passando de geração a geração, ainda que em número reduzido. Quarta Linha Nova Baixa, por exemplo, ainda hoje é conhecida como *Jammertal*, e Quarta Linha Nova como *Batatenberg*.

Detendo-nos na toponímia original da região, em língua alemã, podemos observar que os nomes das localidades originalmente expressavam acidentes geográficos marcantes,

paisagens, atividades econômicas marcantes, como culturas predominantes, ou mesmo condições de acesso às localidades, entre outros. Menor referência, mas de igual importância, era expressa em homenagens a famílias de destaque ou a particularidades dos habitantes.

Essa característica revela a intenção de busca de identidade daqueles imigrantes na nova terra que ocupavam, afirmando sua presença e luta no reconhecimento de uma nova condição, expressa na identificação do lugar habitado através do topônimo.

Neste sentido as palavras de Yi Fu Tuan são significativas, quando afirma que

“os homens não apenas discriminam padrões geométricos na natureza e criam espaços abstratos na mente, como também procuram materializar seus sentimentos, imagens e pensamentos.”  
(1983, p. 19)

A melhoria das estradas, como a pavimentação, bem como a construção de novas vias de acesso, vêm alterando a paisagem da região, quando comparada com aquela expressa na toponímia original, principalmente aquela baseada em acidentes geográficos. A própria população rural tem aumentado, e conseqüentemente as áreas de cultivo, bem como os produtos cultivados, têm passado por adaptações a essa nova realidade. Um exemplo desse fator é Quarta Linha Nova, antiga *Batatenberg* (Cerro da Batatas), onde atualmente a cultura básica é o fumo e o milho.

Com a realização do levantamento cartográfico da região, a partir de saídas de campo, pudemos constatar que algumas localidades não chegaram a ter topônimos expressos em língua alemã, apesar da presença de imigrantes alemães e seus descendentes. A explicação encontra-se no fato de que a colonização, nestas localidades, deu-se mais tarde, muitas vezes já com a participação de elementos de origem lusa. Como não há nenhum documento registrando a formação desses povoados, torna-se praticamente impossível resgatar cartograficamente

aquela realidade. Optamos então por usar os mapas atuais dos municípios já citados, onde destacamos os topônimos originais ao lado dos atuais, permitindo a comparação dos nomes atribuídos aos lugares, bem como a visualização da sua localização no território.

A região de Santa Cruz do Sul ainda hoje traz no seu território a forte marca cultural dos imigrantes alemães, que estruturaram bases sólidas neste território construindo um novo lar e uma nova pátria para suas famílias. A toponímia aqui estudada é a representação geográfica da identificação do povo germânico com o território que ocupavam, como parte do contexto sócio-cultural e econômico que formaram a base histórica destes municípios.

#### Bibliografia

- ABREU, Artur Cardoso de. *A Revisão Toponímica*. Boletim Geográfico.
- CORRÊA FILHO, Virgílio. *Notas sobre Toponímia*. Boletim Geográfico.
- IBGE, Rio de Janeiro, v. 1, n.9, p. 5-8, dez. 1943.
- IBGE, Rio de Janeiro, v. 7, n. 88, p. 471-476, jul.1950.
- IBGE, Rio de Janeiro, v. 12, n. 121, p. 177-200, jul./ago. 1954.
- KIPPER, Maria Hoppe. *A Campanha da Nacionalização do Estado Novo em Santa Cruz do Sul (1937-1945)*. Santa Cruz do Sul: Associação Pró - Ensino de Santa Cruz do Sul, 1979.
- MENDONÇA, Valdemar Paranhos de. *A Toponímia Brasileira*. Boletim Geográfico.
- MÜLLER, Armindo L. *Dicionário Histórico e Geográfico da região de Santa Cruz do Sul*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1999.
- OLIVEIRA, Cêurio. *Dicionário Cartográfico*. Rio de Janeiro: IBGE, 1983.

- OLIVEIRA, Cêurio. *Curso de Cartografia Moderna*. Rio de Janeiro: IBGE, 1983.
- PIRES, Cláudia Luísa Zeferino. *A Toponímia como Instrumento de Análise da Organização do Espaço Sul-riograndense*. Monografia do Curso de Geografia da UFRGS, Dep. de Geografia. Porto Alegre, 1995.
- TUAN, Yi - Fu. *Espaço e Lugar*. São Paulo: Ed. Difel, 1983.
- WAIBEL, Leo, HERRERA, Ricardo. *La Toponímia – el paisaje cubano*. La Habana: Editorial de Ciências Sociales, 1984.